

ções para o melhor rendimento do trabalho colaborativo, mesmo em situações de conflito, emoção ou tensão.

Na terceira parte do livro, são apresentadas questões relacionadas com a aprendizagem organizacional e mudança, isto é, aprendizagem de novos comportamentos e aquisição de conhecimentos e, conseqüentemente, as resistências às inovações, as emoções e o seu reflexo no comportamento individual e grupal. O que se verifica, actualmente, é que as organizações estão num estado permanente de mudança e adaptação que é exigido pelo cliente, concorrência, pelos próprios serviços e por pressões das direcções. É necessário, assim, desenvolver uma capacidade contínua de adaptação e mudança que é, em qualquer caso, uma questão de aprendizagem. Para desenvolver o processo de aprendizagem organizacional, a instituição deve ser capaz de mudar os seus conhecimentos e princípios a fim de gerar novas competências de acção e produzir as mudanças que se impõem. Esta situação origina bloqueios e resistências, mas também emoções e comportamentos que devem ser enquadrados e compreendidos no seu contexto e de acordo com as representações particulares do indivíduo. Neste contexto, o gestor deve não só apoderar-se do 'olhar psi' como também utilizar o 'saber psi' para que possa observar a sua equipa, reforçar o controlo emocional e, deste modo, profissionalizar a dinâmica de mudança.

Nos capítulos finais, os autores tratam de aspectos práticos que colocam em interacção as vertentes do gestor e a do psi. O recrutamento adquire um papel crucial para a futura contratação de novos profissionais, dado que é através dele que se selecciona a pessoa com o perfil mais adequado para a realização de uma determinada função. Aspectos como a observação do controlo emocional, comunicação não verbal, apreciação da imagem de si, assertividade, equilíbrio da vida, qualidades relacionais, o modo como percebe os acontecimentos, capacidade de exprimir emoções e a representação do próprio futuro são dimensões essenciais ao modo de funcionamento de um gestor. Particular destaque é conferido ao trabalho em equipa, a fim de que os desempenhos individuais se articulem com os grupais. Deste modo, o indivíduo influencia os resultados da equipa com a sua contribuição e tem a possibilidade de partilhar perspectivas, exprimir percepções acerca da actividade que estão a exercer ou que se propõem planear.

Um dos maiores problemas das empresas – e que se acentua no decurso dos anos, segundo os autores – é a obtenção de colaboradores que se adaptem rapidamente e com motivação às mudanças. A psicologia do envolvimento mostra que, quanto mais um sujeito está envolvido numa acção, mais tendência tem para preservar a acção. Desta forma, se o gestor optou por se empenhar num projecto vai espontaneamente envolver-se nele para o preservar, o que, por outro lado, pode provocar resistência à mudança. No entanto, a questão importante é que os gestores desenvolvam motivação e capacidade de mudança e adaptação. A qualificação dos colaboradores é uma das responsabilidades dos gestores que vai ganhando cada vez maior relevância. Neste campo, porém, a atenção pelos aspectos emocionais e da vida psíquica é fundamental na estratégia de tornar adaptáveis o trabalho e as pessoas. A questão do registo psi, nesta discussão, não é transformar os gestores em clínicos, mas uma nova capacidade prática para incorporar referenciais teóricas da psicologia, porque, afinal, o campo de acção dos gestores nas empresas são, em última instância, as pessoas e suas relações.

Na verdade, o leitor encontrará nesta obra, numa linguagem acessível, uma discussão persuasiva acerca de como a integração da dimensão psicológica se tornou fundamental na formação dos quadros das empresas, em todos os níveis da hierarquia do trabalho e da organização. Por tudo isto, penso que esta leitura é um bom ponto de partida para aqueles que procuram uma reflexão acerca da sua actividade profissional e também um texto estimulante, em termos críticos, para os que pesquisam nesta área.

Sara Lopes Borges
Instituto Superior Miguel Torga

Maria do Rosário Dias e Estrella Durá (coords.). 2002. Territórios da Psicologia Oncológica. Lisboa: Climepsi Editores. 651 pp. ISBN: 972-796-018-9.

Esta antologia constituída por 25 contributos de autores portugueses e espanhóis apresenta uma abordagem multidimensional sobre os territórios da psicologia oncológica. O inte-

resse deste livro é marcado, antes de mais, pela participação multidisciplinar dos contribuidores e a relevância atribuída à perspectiva da própria pessoa com cancro. Graça Carapinheiro, no prefácio, diz que 'esta antologia tenta traçar o perfil da heterogeneidade dos cancros e das configurações assumidas pela sua construção social, da multiplicidade das situações individuais e sociais que delimitam o terreno das confrontações com o cancro, da variedade de propostas terapêuticas e de programas de acção e de intervenção médica e psicossocial' (p.xvi).

Na abertura dos contributos portugueses, um dos campos a ser descoberto é a importância da psicologia nos cuidados de saúde primários e nas possibilidades da psico-oncologia definida como o campo de estudo e intervenção nas perturbações psicossociais associadas ao diagnóstico e ao tratamento no doente com cancro, sua família, serviço de saúde, assim como os factores comportamentais que afectam o risco de desenvolvimento da doença e a sobrevivência à mesma. Desta forma, a abordagem nos cuidados primários estipula cinco áreas fundamentais de intervenção psicológica: 1) participação em acções de educação para a saúde e prevenção; 2) promoção da adesão a rastreios oncológicos; 3) consulta psicológica e aconselhamento; 4) cuidados continuados a doentes oncológicos; 5) formação de técnicos e voluntários (p.45).

João Miranda Justo (Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa) discute as relações entre o funcionamento psicológico e a etiologia das doenças oncológicas e a possibilidade de a intervenção psicológica, aliada às intervenções médicas, contribuir para o aumento da eficácia do combate a estas doenças. Os agentes etiológicos podem ser do tipo infeccioso, ambientais, consumos voluntários excessivos, hereditários e, ultimamente, a investigação psicológica tem evidenciado a associação entre algumas variáveis da personalidade e a incidência das doenças oncológicas. Entre estas investigações o autor apresenta os resultados de alguns estudos prospectivos que referem de forma unânime que as pessoas com valores de depressão mais elevados eram aquelas que mais facilmente apresentavam uma doença oncológica. Ainda que estes estudos possam ser alvo de objecções, uma vez que o funcionamento psicológico não se manifesta abertamente, sabemos que induz

distorções emocionais capazes de limitar o desenvolvimento do indivíduo.

Qualidade de vida (QDV) e doença oncológica é a questão apresentada por José Pais Ribeiro que argumenta os seguintes pontos: origens do conceito e seus aspectos históricos, a relação com a saúde, definições e perspectivas, as dimensões e a natureza da avaliação das escalas de QDV e, por fim, a importância da QDV para a psicologia.

A assistente social Aurora Matias faz uma descrição sócio-histórica da organização da luta social contra o cancro em Portugal durante o Estado Novo, prejudicada pelo baixo nível de escolarização e de educação social da população e, por outro lado, pela ausência de um sistema de protecção social integrado e uma política de formação adequada dos profissionais de saúde.

Pedro R. da Silva, médico e doutorando em ciências da comunicação, escreve sobre a complexidade dos aspectos relacionados com a educação para a saúde. O autor alega que os comportamentos não são apenas dependentes da vontade individual, mas o resultado do contexto psicossocial e cultural do indivíduo. O comportamento depende de múltiplos constrangimentos (psicológicos, sociais e culturais) e corresponde à solução encontrada pela pessoa para de uma forma dinâmica se sentir o mais equilibrada possível. O autor defende que a educação para a saúde não deverá estar focalizada em dar informação e mudar comportamentos, mas antes, autonomizar indivíduos, grupos e sociedades nas escolhas que diariamente é necessário fazer, dando-lhes um carácter reflexivo, partilhado e não directivo ou imposto. A sua discussão termina com uma pequena história zen. Dois monges budistas, fumadores inveterados, questionavam-se se seria aceite fumarem durante a meditação e decidiram perguntar ao seu Mestre. A um, o Mestre criticou-o asperamente por ter semelhante pensamento. Ao outro elogiou-o. Achan-do esta situação estranha, o primeiro perguntou ao segundo como tinha feito, ao que este retorquiu: 'Perguntei ao Mestre se podia rezar e meditar enquanto fumava' (p.211).

Felismina Mendes, doutoranda de sociologia, apresenta a construção social do cancro como doença genética, analisando o conceito de risco na sociedade contemporânea que enfatiza especialmente os riscos gerados pela tecnologia e pelos estilos de vida. A valorização do risco e o papel dos meios de

comunicação face ao mesmo fizeram com que esta palavra adquirisse uma nova proeminência na sociedade ocidental, tornando-se ‘uma construção cultural central’ (p.222). O que está em causa são os usos e a dimensão sócio-cultural do risco no discurso dominante e nas práticas associadas aos testes de diagnóstico e à promoção da saúde.

Henriette Almeida Lima, actual presidente e fundadora, em 1982, do Movimento Vencer e Viver – Liga Portuguesa Contra o Cancro, relata as suas experiências pessoais enquanto doente com diagnóstico de cancro de mama e fundadora daquele movimento voluntário que teve como maior impulsionador o Dr. F. Gentil Martins e como inspiração o movimento americano Reach to Recovery.

Teresa Mcintyre et al. apresentam o seu contributo sobre ‘a intervenção psicossocial breve na situação oncológica em contexto de grupo’, uma revisão literária que torna evidente que o apoio psicológico ao doente oncológico no contexto de grupo tem benefícios alargados em termos de qualidade de vida do doente, repercutindo-se no seu bem-estar físico e psicossocial. Os autores alertam para o facto de que, em Portugal, o apoio psicológico a estes doentes, nos vários estádios da sua doença, é ainda uma raridade, sendo necessário sensibilizar os responsáveis pela política de saúde, para implementar-se a abordagem psicossocial em paralelo com as abordagens biomédicas nos tratamentos dos doentes.

‘O cancro da mama no seio da família’, tema apresentado por Maria do Rosário Dias et al., vem possibilitar uma reflexão sobre o impacto da doença na relação conjugal e sobre o funcionamento da dinâmica familiar, em particular no que diz respeito às relações pais-filhos. Neste extracto os autores consideram a família nuclear como pacientes de segunda ordem. Ou seja, o cancro de mama não é um problema exclusivo da mulher, mas da família como unidade de tratamento, sobressaindo o papel do companheiro como elemento mediador entre a doença e os filhos (p.315).

No desfecho dos contribuidores portugueses e comprovando a diversidade de abordagens, Maria T. Magão, enfermeira, mestre em psicologia da saúde e Isabel Leal, psicoterapeuta, apresentam o tema ‘A promoção da esperança nos pais de crianças com cancro’. Este capítulo explora o conceito de esperança nas diferentes perspectivas teóri-

cas e apresenta os resultados de um estudo com pais de crianças com cancro e as interacções com profissionais de saúde. As autoras destacam três eixos de discussão: esperança e relação com o cuidado; especificidade do cuidado de enfermagem e sua relação com a esperança; o frágil equilíbrio entre a revelação de informações e a manutenção da esperança (p.338).

Os contributos dos autores espanhóis reflectem temas semelhantes às discussões retratadas pelos autores portugueses, mas – visto que a maioria dos contribuidores espanhóis são psicólogos – com focagem e percepções particularmente apoiadas nos domínios da investigação e da formação pré- e pós-graduada da nova especialidade em psico-oncologia. Iniciando com a história da psico-oncologia em Espanha, numa perspectiva cronológica, os diversos textos realçam de uma forma global a importância da formação nesta área, descrevendo as funções, os requisitos mínimos e enfatizam a necessidade de ser incluído no processo de formação a experiência prática em unidades de psico-oncologia. Para os autores, esta nova especialidade resume-se em quatro áreas principais: 1) a inclusão da psico-oncologia nos serviços de saúde; 2) o desenvolvimento de programas de formação; 3) criação de novas linhas de investigação; 4) o aumento de publicações em psico-oncologia, inclusivamente, nas publicações mais importantes da área da oncologia. Por outro lado, referem esta nova especialidade com uma história breve, mas com um futuro promissor. De forma a enfatizar a psico-oncologia, Ibanez et al. citam o poeta Goytisolo, ‘erese una vez un lobito bueno... una bruja hermosa y un pirata honrado’ (p.377). Os autores pretendem, com esta metáfora, estabelecer uma relação de semelhança com as perspectivas actuais do cancro, nomeadamente, a doença está menos ensombrada pela fatalidade, a oncologia tornou-se uma especialidade médica importante e é reconhecida à psico-oncologia a importante tarefa de ajudar os pacientes no processo de adaptação psicológica à doença.

Joana Guerra

Instituto Superior Miguel Torga